



Letramento Digital de Estudantes Universitários: Estudo de Caso

ANA ELISA RIBEIRO¹

JORGE ROCHA²

PALAVRAS-CHAVE

Letramento – Letramento Digital – Leitura – Inclusão Digital

RESUMO

Com base nos conceitos de letramento e letramento digital, empreendemos uma pesquisa quantitativa e geramos dados por meio da aplicação de questionários a 200 estudantes de curso superior de faculdade privada de Belo Horizonte. Nosso intento era conhecer o perfil dos estudantes universitários com relação ao domínio e à apropriação que porventura fizessem da leitura em telas de computador. A partir das respostas ao questionário, obteríamos dados sobre como e onde esses alunos tiveram acesso à informática, para que fins e com que frequência. Também era nossa intenção avaliar a relevância da escola básica, especialmente do ensino médio, em relação ao acesso dos jovens à informática, assim como o papel do ensino superior no letramento digital dos alunos. Os dados obtidos apontaram a origem do letramento digital muito mais em cursos livres e em casa do que na escola. Esta ocupou o último lugar no *ranking* das agências de letramento digital. A maioria dos alunos considera a faculdade uma importante agência de letramento digital, o que nos parece, nos dias de hoje, tardio. Concluimos que muito mais precisa ser feito para que a escola básica desempenhe um papel relevante para a inclusão digital.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A tecnologia da escrita parece ter origem na necessidade de fazer contas e no registro mais durável de informações. Ela remonta aos fenícios e sumérios, passa pelos gregos e romanos, sofre o impacto da invenção de materiais e ferramentas (argila, espátulas, pergaminho, papiro, papel, tintas, penas, lápis, canetas de vários tipos, máquinas, fitas, teclas, raios catódicos, cristal líquido, teclados) e de formatos (rolo, códex, telas escaneáveis e roláveis ao comando do mouse), até chegar aos dias atuais, quando a humanidade dispõe de um complexo sistema de meios de ler e escrever. [Camp94]; [Char98].

Desde a Segunda Grande Guerra, a humanidade vem desenvolvendo novas técnicas (artefatos, dispositivos e ferramentas além dos já conhecidos) para executar tarefas tais como ler e escrever. Nem sempre, no entanto, a apropriação social que se faz do objeto é originalmente planejada daquele modo. Alguns dispositivos foram inventados para servirem a uma tarefa e, à medida que os usuários deles se apropriam, esses artefatos passam a servir para outros fins. Foi assim com o telefone, com o rádio e é assim com o computador (e com a Internet) [BrBu04].

Os leitores aprendem gestos e habilidades ao longo dos tempos, em contato com suas culturas e com práticas configuradas pela conjunção de suas técnicas, seus materiais,

¹ E-mail: anadigital@gmail.com

² E-mail: jorgerochaneto@gmail.com

seus métodos e os dispositivos de que podem se apropriar. Cada objeto de ler, associado à arquitetura dos textos e imagens que ele comporta, é apropriado pelo leitor, que aprende uma espécie de “protocolo”. As seqüências, mais ou menos rígidas, de leitura de textos (em objetos) são aprendidas na experiência e na exploração desses objetos. O que ocorre é que, nos dias de hoje, o leitor dispõe, ao menos potencialmente, de mais dispositivos para ler e de mais modos de fazê-lo do que em épocas anteriores, inclusive de modos híbridos genealogicamente ligados a outros [BoGr00]. Após aproximadamente oito séculos de códex, quatro de impressão e um de alfabetização em massa, a invenção do computador, da Internet e de vários novos dispositivos para fazer uso do texto parecem novamente abalar as configurações da tecnologia de ler e escrever.

Diante de tantas e novas possibilidades, muitos pesquisadores questionam que tipo de mudança cognitiva tem ocorrido com o leitor de telas [Cosc03]; [Rou+96]. Quando o leitor tem acesso às telas, o que ainda não é típico da sociedade brasileira, que experiências ele traz de sua vivência com a cultura impressa? De outro lado, que aspectos da arquitetura da informação disposta nas telas é transposto para o impresso e chega ao leitor de jornais, livros e revistas? Essa parece a via inversa do que vem ocorrendo, já que as interfaces digitais, em sua maioria, têm sido produzidas na “metáfora do impresso” [Fur06]. Como e onde o leitor tem aprendido a lidar com este novo modo de ler? Que papel a escola básica tem desempenhado nessa trajetória? Que papel o ensino superior tem ocupado? Estas são questões que nos inquietam.

Neste trabalho, propomos um escopo bem menos amplo. Intentamos investigar o perfil de alunos do primeiro período de curso superior em Belo Horizonte em relação ao:

1. papel que a escola básica (ensinos fundamental e médio) teve no letramento digital dos graduandos;
2. papel que a faculdade exerce em relação ao acesso à informática.

Trabalhamos aqui alicerçados por estudos sobre letramento, na área da educação, e por uma metodologia amparada na aplicação de questionários [Cha00];[Gün03]. Nossa intenção é fazer uma investigação que utilize técnicas quantitativas, muito embora haja motivos para fazer interpretações qualitativas dos dados obtidos [LaLo91]; [BrRo02]; [Dua02];[Alve06].

O conceito de *letramento digital* também é importante para o tratamento de nosso objeto de pesquisa. Conforme [Soa04], *letramento* é “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita”. Essa apropriação pode mudar o horizonte de ação de um indivíduo ou de um grupo. Com a chegada de novas ferramentas de ler e escrever, os modos de letramento também se alteraram e terminaram por configurar um novo domínio de uso da palavra: o espaço digital. Chamamos de *letramento digital* a apropriação que um grupo ou um sujeito faz dos usos do computador e da Internet, além de outros domínios em que o letramento é importante em nossa sociedade [CoRi05].

Neste artigo, apresentamos os conceitos-chave de nossa pesquisa, descrevemos o método por meio do qual geramos nossos dados e fazemos uma análise dos resultados obtidos junto a estudantes recém-chegados ao ensino superior. Nossa conclusão aponta para a necessidade de mais reflexão sobre inclusão e letramento digitais, além de mais esforços para que a escola básica apresente ao jovem as possibilidades digitais de leitura e aprendizagem, funcionando como agência de letramento importante.



2. MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para conduzir nosso experimento e obter dados analisáveis sobre o perfil dos leitores que participaram da pesquisa, empregamos questionários para coletar informações. Embora haja importantes estudos sobre o tema (p. ex. [CoRi05], [Xav06], [Soa02]) e fosse possível uma vasta revisão bibliográfica, preferimos analisar dados coletados diretamente com os estudantes e analisar respostas que nos fornecessem pistas sobre a relação entre escola e letramento digital.

Aplicamos um questionário estruturado em todas as turmas de primeiro semestre do curso de Enfermagem de uma instituição privada de Belo Horizonte. Dos 200 questionários aplicados, obtivemos 144 com respostas a questões relativas ao hábito da leitura, leitura de jornais impressos, leitura de jornais na Internet, acesso à rede, forma como se iniciaram na informática e tipo de atividade que executavam quando estavam conectados, além da coleta de informações como idade e origem escolar dos alunos.

A partir dos dados, passamos à análise das questões relativas ao uso do computador nas escolas média e superior.

3. RESULTADOS E BREVE DISCUSSÃO

O perfil dos estudantes pesquisados era, em sua maioria, de jovens na faixa dos 20 anos, uma geração, portanto, que poderia ter tomado contato com o computador ainda na adolescência e, até mesmo, na infância. De fato, era o que havia ocorrido, embora esse contato não tivesse sido na escola, para a maior parte dos indivíduos participantes desta pesquisa.

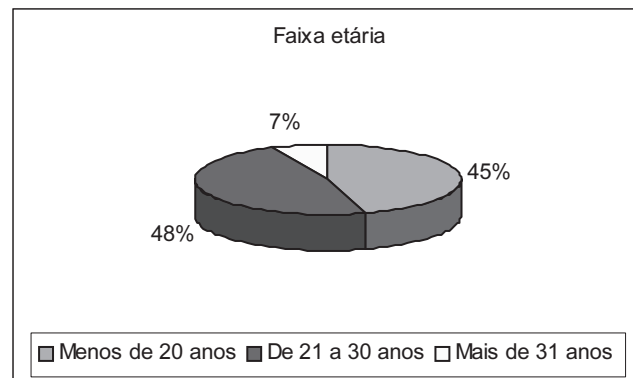


Gráfico 1 - Distribuição de faixa etária dos estudantes pesquisados

O tipo de escola da qual os estudantes eram oriundos variava pouco. A maioria viera de escolas públicas, embora estivessem, naquele momento, cursando o ensino superior em instituição privada. Os gráficos a seguir mostram a proporção de estudantes formados pelas escolas públicas, mas são incapazes de esclarecer aspectos importantes da falsa dicotomia público X privado. Nosso critério de pesquisa foi procurar saber onde os alunos haviam cursado o ensino médio, ou seja, de onde haviam acabado de sair antes de entrarem no curso de Enfermagem. Esse “recorte” não nos permite julgar a importância e a origem da formação escolar fundamental dos estudantes. Outro aspecto a ser observado é que, embora os alunos fossem, em sua maioria, oriundos de escolas públicas, ocupavam vagas de escola privada e provavelmente faziam esforços para manter suas mensalidades em dia. Grande parte deles trabalhava e estudava. Também a maior parte era residente em Belo Horizonte.

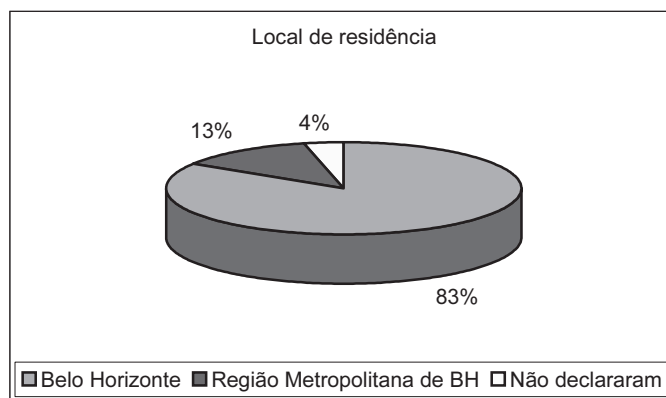


Gráfico 2 - Distribuição dos estudantes de acordo com local de residência

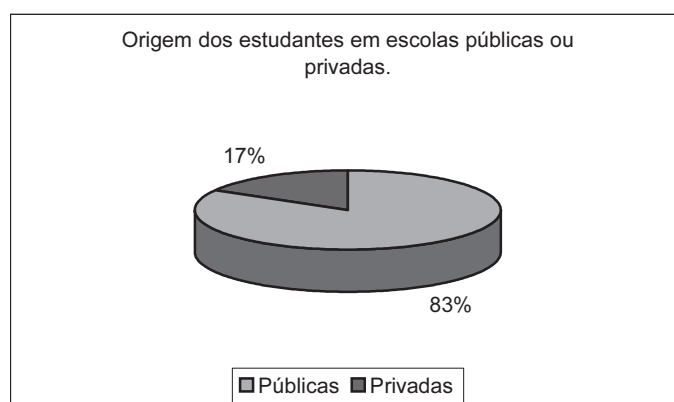


Gráfico 3 - Distribuição dos estudantes de acordo com origem em escolas públicas ou privadas

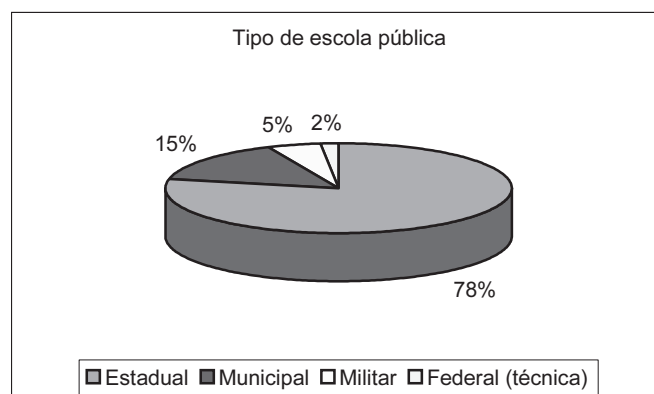


Gráfico 4 - Distribuição dos estudantes de acordo com tipo de escola pública, dentro do universo dos egressos de instituições públicas

Diante da leitura dos gráficos, há o perigo de interpretações que julguem a escola pública uma má agência de letramento digital. Sabe-se, no entanto, dos esforços de inclusão digital em todos os setores do ensino, inclusive nas escolas privadas, que não podem ser consideradas exatamente excelentes em relação às aplicações da informática na educação, com as mesmas honrosas exceções existentes entre as escolas públicas.

Dos 144 informantes, 67,4% declararam que o fato de estarem na faculdade lhes dava acesso a computadores e à Internet. Isso já era esperado, uma vez que a instituição em foco contava com ótima estrutura de laboratórios de informática e sistema *on-line* de verificação



de notas e frequência. Mesmo as salas de aula contavam com equipamentos que incluíam computadores e *datashows*. O aluno que não entrasse no mundo dos *e-mails* e das máquinas de busca logo teria que aprender a lidar com o sistema virtual em que monitoravam sua situação acadêmica, as aulas e mesmo o material didático dos professores, que podia ser disponibilizado na rede, por meio de um sistema chamado “Sala virtual”, acessível por *login* e senha específicos para cada estudante.

A maior parte dos alunos declarou ter acesso ao computador em ambiente doméstico (70,1%, na própria casa, na de parentes e amigos). 22,2% deles disseram ter esse acesso no trabalho (também ou isoladamente). Isso parece previsível uma vez que o trabalho de enfermeiro não condiz com tarefas delongadas na Internet. Apenas 4% dos informantes citaram as *lan houses* como opção de acesso à rede.

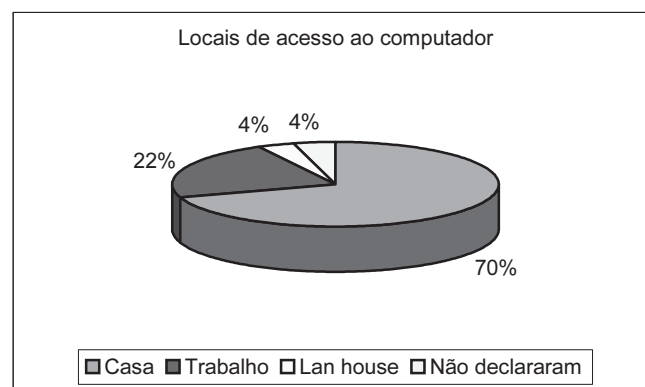


Gráfico 5 - Distribuição dos estudantes de acordo com locais de acesso ao computador

A forma como se iniciaram na informática também foi reveladora. Em alguns casos, os estudantes citaram mais de um ambiente de aprendizagem, mas o que mais nos interessa aqui é verificar que a escola (ensino médio, especialmente) não tem colaborado para o *letramento digital* destes cidadãos. Ela ficou em penúltimo lugar entre as “agências” que iniciam as pessoas na navegação e mesmo na produção de trabalhos escolares com o uso de aplicativos *off-line*. A iniciação à informática foi citada como tendo sido levada a cabo em ambiente doméstico a maior parte das vezes, com pouquíssima diferença em relação à citação de cursos livres.

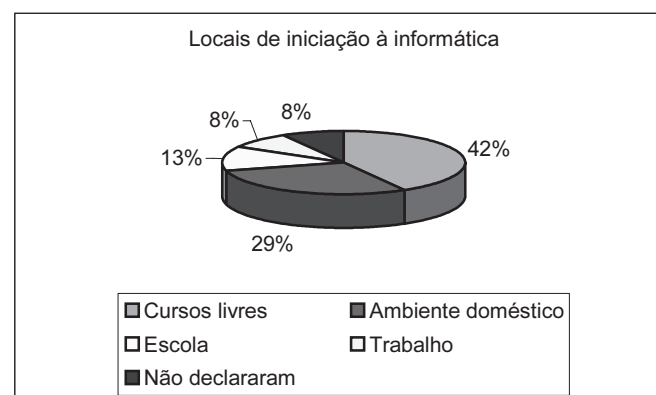


Gráfico 6 - Distribuição dos estudantes de acordo com locais de iniciação à informática

Os cursos livres parecem ainda ser grandes responsáveis pela entrada dos indivíduos no mundo da informática. Tínhamos, no início da pesquisa, alguma expectativa de que os alunos pesquisados, usuários de computadores pessoais dotados de programas com interfaces gráficas para navegar e operar, pudessem ter entrado no mundo da informática prevalentemente em ambientes domésticos, de modo bastante intuitivo. Essa expectativa não foi confirmada. Os cursos de informática parecem ter tido importância para a iniciação de grande parte dos estudantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: LOG ON NA LEITURA

Segundo [Sod03], o Brasil teve desenvolvimento cultural bastante atrasado por proibições e desmandos de Portugal. O único tipo de escola possível era aquela de caráter religioso, com fins de catequização (Jesuítas), que permaneceu vigorosa por 250 anos. Somente no século XIX, as primeiras faculdades se fundaram e, ainda assim, acessíveis a mínimas parcelas da população. Trajeto semelhante tem a leitura de livros e jornais.

O analfabetismo atingia a quase totalidade da população, o que impedia a circulação (também dificultada por outros fatores) de impressos. Quando a primeira prensa chegou ao país, no período joanino, em 1808, iniciou-se a publicação do primeiro jornal permitido no país e foi disparada uma nova dinâmica da leitura e do leitor. O século XIX é considerado o momento de maior crescimento da pequena burguesia, do público leitor, isso estendido até mesmo às mulheres, e é, certamente, o período em que começam a circular mais impressos [Sod03].

Mesmo assim, com a efervescência de jornais e obras literárias (mais especificamente o romance), não foram as massas populacionais que tiveram acesso aos periódicos. A leitura atingia faixas privilegiadas da sociedade e a burguesia emergente, que dava algum valor à formação intelectual, ainda que a considerasse um luxo. Esse histórico de pouca acessibilidade ao leitor “popular” se confirma nos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF 2001) [Rib03].

Embora, durante pequenas entrevistas na aplicação dos questionários, os estudantes mencionem a busca incessante por atualização e informação, com relação às agências de letramento, urge enfatizar a pouca participação da escola, especialmente do ensino médio, na formação de leitores aptos a lidar com meios digitais, se não também com o impresso.

Passados mais de 10 anos da entrada dos computadores nas casas das pessoas e esse mesmo tempo da popularização da interface gráfica, é curioso que os resultados obtidos entre os estudantes apontem para fora da escola quando se pensa nas agências que têm favorecido acesso à leitura, à informação e à experiência comunicativa e cidadã em ambientes digitais, tão afeitos e apropriados às práticas leitoras e linguageiras. Embora o ensino superior pareça favorecer a experiência com textos em vários ambientes, não ficam dissolvidos, entre os *bits* e as telas, os deveres e as obrigações de formação da educação básica, especialmente para aqueles que não passarão dela.

É de suma importância que pesquisas como esta sejam aplicadas a indivíduos com perfis socioculturais diversos, assim como faixas etárias diferenciadas, a fim de se poder obter, em dado momento, um “retrato” dos efeitos de diversas agências de letramento sobre as reais apropriações que as pessoas fazem ou farão da informática, neste caso, as apropriações relacionadas à leitura e ao acesso à informação. É certo que há muito mais a ser feito em ambientes digitais, especialmente on-line. Pretendemos dar continuidade a estas reflexões a partir de pesquisas em outras instituições e com outros públicos.



KEYWORDS

Literacy – Digital Literacy – Reading – Digital Inclusion

ABSTRACT

Based on the concepts of literacy and digital literacy, it was developed a quantitative research. The data was collected from two hundred questionnaires answered by undergraduate students from private colleges in Belo Horizonte. The research aimed at building the students' profiles related to their skills to read on the computer screen. The questionnaires would provide information on how and where those students could use computers, what for and how often they used them. This work also evaluates the relevance of fundamental schools, especially high schools, in relation to students' access to computing, as well as the role of graduate schools concerning students' digital literacy. The data showed that the origin of digital literacy comes from unofficial courses rather than from the school. The school occupied the last position on the ranking of digital literary agencies. The majority of the students considered the college an important agency of digital literacy. Thus, it was concluded that there is still much more to be done so that fundamental schools play a more relevant role on digital inclusion.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [Alve06] ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- [BoGr00] BOLTER, Jay D; GRUSIN, Richard. **Remediation**. Understanding new media. USA: MIT Press, 2000.
- [BrBu04] BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- [BrRo02] BROWN, J. D. & RODGERS, T. **Doing second language research**. Oxford: Oxford, 2002. (Caps. 1, 2, 3).
- [Camp94] CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto/ Instituto Estadual do Livro, 1994.
- [Cha00] CHAGAS, Anivaldo T R. O questionário na pesquisa científica. **Administração On Line**. Prática-Pesquisa-Ensino. v.1, n.1, jan./fev./mar. 2000. Disponível em www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm, acesso em jan. 2007.
- [Char98] CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- [Cosc03] COSCARELLI, Carla V. Espaços hipertextuais. **Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição**, jun. 2003, FAE - UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. (CD-ROM).
- [CoRi05] COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- [Dua02] DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa. Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março 2002.
- [Fur06] FURTADO, José Afonso. **O Papel e o Pixel**. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.
- [Gün03] GÜNTHER, Hartmut (Org.). **Como elaborar um questionário**. Brasília: UnB, 2003. (Série Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais).

- [LaLo91] LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M. H. **An introduction to second language acquisition research**. New York: Longman, 1991. (Cap.2).
- [Rib03] RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003.
- [Rou+96] ROUET, Jean-François et al. (eds). **Hypertext and cognition**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1996.
- [Soa02] SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.** Campinas, v.23, n.81, dez. 2002.
- [Soa04] SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- [Sod03] SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. 20 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- [Xav06] XAVIER, Antônio Carlos. Letramento digital e ensino. **Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional**. Disponível em www.ufpe.br/nehete, acessado em fev. 2007.

SOBRE OS AUTORES

Ana Elisa Ribeiro

Mestre em Lingüística e doutoranda em Estudos Lingüísticos, Linguagem e Tecnologia, na UFMG; professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG); pesquisadora do letramento digital.

Jorge Rocha

Jornalista, mestre em Linguagem e Cognição, professor da Universidade FUMEC, organizador dos Seminários sobre Convergência Digital (FUMEC, 2006 e 2007); pesquisador das práticas do jornalismo colaborativo.